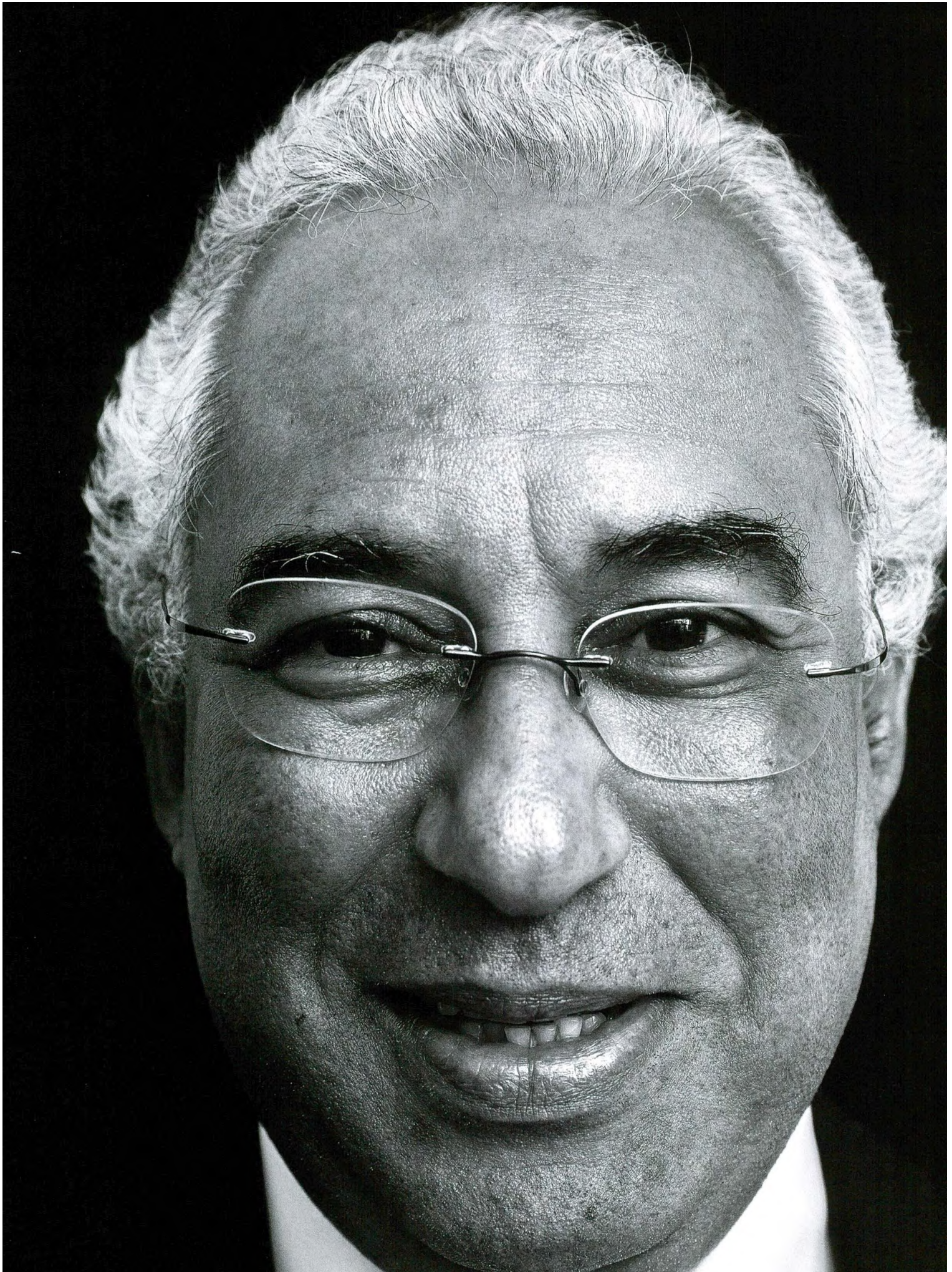


**António  
Costa**  
Político

# O mestre da tática



Enquanto primeiro-ministro, António Costa conseguiu atravessar o fogo de Pedrógão sem se chamuscar. A pandemia da covid-19 sem perder o controlo da situação, mesmo tendo de ir buscar um almirante para pôr no rumo certo uma campanha de vacinação que andava à deriva. Repôs alguns dos direitos, pensões e salários cortados pela *troika* sem por isso ficar a reboque do PCP e do BE. E, já na atual legislatura, enfrentou uma catadupa de entradas e saídas no Governo na sequência de revelações embaraçosas sobre o passado de alguns membros do Executivo. Isto com a guerra na Ucrânia e uma inflação daí decorrente como não se via desde a década de 80.

É um dos políticos do nosso tempo com maior capacidade de manobra e de adaptação a circunstâncias adversas, mantendo o barco à tona de água onde outros o teriam deixado afundar. Consegue ler os momentos políticos e atuar em conformidade. Foi assim que se manteve longe da disputa pela liderança do PS a seguir à queda de Sócrates (2011) mas tirou o tapete a António José Seguro quando se começou a aproximar novo ciclo eleitoral, dizendo que o PS não se podia contentar com “vitórias pouco expressivas” como as obtidas nas europeias de 2014 (31,4% do PS contra 27,7%). Nem ficar condicionado pela agenda do Governo de Passos Coelho, como, do seu ponto de vista, sucedera quando o PS se abstera relativamente ao primeiro Orçamento do Estado de Passos Coelho.

Em setembro de 2014, Costa saiu da Câmara de Lisboa (onde ia no terceiro mandato) e forçou a realização de primárias no PS, que lhe seriam favoráveis, afastando Seguro que estivera ao leme do partido durante três difíceis anos. Não tendo conseguido romper a narrativa da campanha de Passos, centrada no acerto das contas e nas responsabilidades passadas dos socialistas (Sócrates incluído) ele, que queimara Seguro em lume brando por causa das “vitoriazinhas”, teve em 2015 uma “derrotazinha” nas legislativas que, com habilidade política, soube transformar em vitória, garantindo uma maioria parlamentar à custa de um acordo informal com o PCP e o BE, a famosa ‘geringonça’. Nessa altura o então líder do PCP tinha sido claro. Dissera Jerónimo de Sousa: “O PS só não forma Governo se não quiser.” Para bom entendedor...

Se a tática é o lado forte de António Costa, o seu lado fraco é a estratégia, sobretudo quando se trata de planear e de pensar a longo prazo. Mesmo governando com maioria absoluta, como o faz desde 2022, faltam ideias claras e propostas práticas para dar resposta aos problemas de fundo, sejam

## Mesmo com maioria absoluta, faltam ideias claras e propostas práticas para dar resposta aos problemas de fundo, sejam na Saúde, na Educação, na Justiça ou na Economia

na Saúde, na Educação, na Justiça ou na Economia. A crise pandémica evidenciou a que ponto os países europeus e Portugal em particular estavam dependente de cadeias planetárias de abastecimento (leia-se da China) e perdera capacidade de produção de coisas tão simples como máscaras ou luvas cirúrgicas. Onde estão propostas de reindustrialização? O país tem um aeroporto de primeira categoria em Beja mas não é aproveitado como alternativa ou solução complementar ao de Lisboa. Enuncia-se a aposta na ferrovia mas não há capacidade de atrair para Portugal uma “Autoeuropa dos comboios”. Há uma crise da habitação mas não se vislumbram ideias para relançar programas de construção a preços acessíveis, na linha dos que em tempos existiram, fosse no sector público, fosse no cooperativo.

A ironia da atual situação é Costa (que, juntamente com o seu vizinho ibérico Pedro Sánchez, é apontado em França ou em Itália como exemplo “da esquerda que funciona”) estar nos últimos meses a braços com movimentos sociais sem precedentes desde o tempo da *troika*, envolvendo professores, enfermeiros ou ferroviários. Isto no momento em que parece haver em Portugal dois países: o da macroeconomia e das contas



RUI OCHOA

públicas onde os resultados são mais do que meritórios e o da vida quotidiana, onde os rendimentos das classes populares evoluem muito mais devagar do que os lucros das empresas e da banca e há indicadores dramáticos de empobrecimento, como seja o aumento dos roubos de bens de primeira necessidade nos supermercados.

Algo que tem chamado a atenção da imprensa internacional, como, por exemplo, o diário francês “Le Monde” que, num trabalho de Sandrine Morel datado de 25 de fevereiro, sublinha que “há, claramente em Portugal um problema de distribuição da riqueza”. E citava a propósito declarações de José Reis, docente de Economia da Universidade de Coimbra: “O que as pessoas esperam de um Governo socialista é que tenha capacidade para conciliar o controlo orçamental com as necessidades de justiça social.”

Não obstante tudo isto, aos 61 anos, Costa fica na história por diversas razões. Consegue regressar ao poder no quadro de



▲ Maria de Belém e António Costa no XIII Congresso do Partido Socialista, no Coliseu dos Recreios, em Lisboa, em 2002

uma aliança informal com as formações à sua esquerda. Efetua o corte com a herança de Sócrates, dissociando o partido das acusações que pesam sobre o antigo primeiro-ministro. E, tal como o antigo primeiro-ministro, conseguiu em 2022 uma maioria absoluta no Parlamento. Confiança não lhe falta. Uma vez disse ao Expresso (num trabalho de Cristina Figueiredo, de 24 de novembro de 2015) a propósito do seu percurso enquanto ministro: “Deve haver problemas impossíveis. Tenho tido a sorte de nunca ter encontrado nenhum...”

Ao *podcast* no Expresso “Deixar o Mundo Melhor” de Francisco Pinto Balsemão disse ter com Marcelo uma relação diferente da que teve com Cavaco: “Fui aluno dele, solicitei-lhe pareceres quando era advogado, tínhamos convivido...” E acrescentou: “No

nosso sistema político, o Presidente eleito diretamente pelos cidadãos tem a missão de garantir a unidade nacional e de ser uma voz de alerta.”

Embora tenha estado ligado desde cedo ao PS, nomeadamente nas organizações de juventude, Costa só começa a dar que falar na década de 90. Antes disso estagiara como advogado no escritório de Vera Jardim. Ao fim de dois anos como deputado, é escolhido pelo partido para concorrer às eleições na Câmara de Loures. Anima a campanha autárquica de 1993, promovendo uma corrida simbólica entre um burro e um Ferrari na Calçada de Carriche, ponto de ligação entre a capital portuguesa e o chamado “corredor de Loures” por onde diariamente passam mais de 200 mil pessoas utilizando o transporte individual. Moral da história o burro venceu e Costa ganhou notoriedade, ainda que não tenha vencido essas autárquicas por uma diferença de menos de 1%.

Embora tivesse sido apoiante, primeiro de Vítor Constâncio e depois de Jorge Sampaio, neste caso contra António Guterres em 1992, é convidado por este para integrar o Governo em 1995, o que fará na qualidade de secretário de Estado dos Assuntos Parlamentares, passando dois anos depois a ter essa pasta ministerial. No entanto, a proximidade política com Sampaio manter-se-á e será seu diretor de campanha nas presidenciais de 1996, onde será derrotado Cavaco Silva. Será ministro da Justiça no segundo Governo de Guterres até à queda deste em 2002. Virá a apoiar Sócrates em 2004, após este vencer as legislativas com maioria absoluta, sendo nomeado ministro da Administração Interna.

Em 2007 há uma crise política na Câmara de Lisboa, quando a vereação do PSD, seguindo as instruções do então líder do partido Marques Mendes, tira o tapete a Carmona Rodrigues que, primeiro substituíra Santana Lopes à frente do município e depois ganhara as eleições de 2005. Em causa, o negócio de permuta de terrenos da antiga Feira Popular com a empresa Bragaparques. Perante a queda do executivo municipal e a convocação de eleições antecipadas, António Costa candidata-se e vai beneficiar da divisão de votos entre o candidato oficial do PSD, o antigo ministro Fernando Negrão, e os fiéis a Carmona Rodrigues. Mal andarão os que confundirem política e aritmética, mas para a história fica que a soma de Carmona com Negrão dava ligeiramente mais do que a votação obtida por Costa... Quanto a este, teve que urdir uma ‘pré-geringonça’ para tornar a Câmara governável, aproximando-se de Helena Roseta e de José Sá Fernandes.

A partir daí, o novo presidente do município lisboeta vai enraizar-se junto do eleitorado. Em 2009 vencerá com 40,2% dos votos e em 2013 com 50,1% ou seja, ao contrário de Sampaio, dez anos antes, conseguiu vitórias folgadas sobre a direita sem necessidade de se aliar com o PCP. Uma vez mais se viria a confirmar que a Câmara da capital tem muitas vezes funcionado como um viveiro de primeiros-ministros quando não de presidentes: primeiro Sampaio, depois Santana Lopes e finalmente Costa.

Quanto a Costa, vê-se chegado a um dos muitos problemas de trânsito com que deve ter lidado enquanto autarca: chegou a uma rotunda e esta apresenta várias saídas, desde as instâncias europeias onde é bem aceite, à manutenção em funções governamentais ou à candidatura a Presidente da República. Nova corrida de velocidade e desta vez quem ganhará? O Ferrari? 🏎️

Rui Cardoso